



U C A M
UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
T i j u c a

RESUMO SOBRE NIC's e BRIC's

REINALDO SOARES DA ROCHA MORAES

RIO DE JANEIRO
SETEMBRO - 2005

REINALDO SOARES DA ROCHA MORAES

RESUMO SOBRE NIC's e BRIC's

Trabalho apresentado ao Professor José Carlos
Farias Mello da disciplina Macroeconomia II
da turma 23305, turno noite do curso de
Administração de Empresas

UCAM - Tijuca
Rio de Janeiro - 07/09/2005

1-INTRODUÇÃO

Este trabalho é um resumo sobre os NIC's e BRIC's visa passar os principais conceitos em um trabalho de no máximo 1,5 laudas de desenvolvimento, porém neste trabalho foi desenvolvido um pouco além do solicitado devido a grande extensão do assunto.

2 – RESUMO SOBRE NIC's e BRIC's

NIC's

A partir dos anos 50, passou a ocorrer uma intensificação no processo de expansão das multinacionais em direção a diversas regiões do mundo. Num primeiro momento, os países subdesenvolvidos que mais receberam filiais das multinacionais foram Brasil, Argentina, México e África do Sul, todos com grande mercado consumidor e com capacidade de processamento de algumas matérias-primas necessárias às multinacionais. Posteriormente, a partir de meados da década de 60, tal processo de expansão das multinacionais e disseminação da atividade industrial atingiu a Coréia do Sul, Taiwan, Hong Kong e Cingapura. Todos esses países que passaram por um processo de industrialização mais intensa após a década de 50 recebem a denominação de *NICs (Newly Industrialized Countries)*. Mais recentemente ainda, a partir dos anos 80, outros países do sudeste asiático começaram a ter, gradativamente, a indústria como um setor importante da economia. É o caso da Malásia, da Tailândia e da Indonésia.

No caso dos países latino-americanos, como Brasil, México e Argentina, a industrialização baseou-se na *substituição de importações* e posteriormente na internacionalização do mercado.

Após a década de 50, as práticas substitutivas apoiaram-se na internacionalização do mercado. Brasil, Argentina e México atraíram os investimentos internacionais como forma de acelerar o desenvolvimento industrial.

O caminho seguido pelos NIC's asiáticos foi diferente. A estratégia industrial traçada por Taiwan, Cingapura, Coréia do Sul e Hong Kong apoiou-se na *IOE (industrialização Orientada para a Exportação)*. As multinacionais que se estabeleceram nesses países, e mesmo as empresas nacionais, tinham como objetivo principal o comércio externo. Daí a expressão *plataformas de exportação* para designar os tigres asiáticos.

As exportações dos quatro tigres passaram de 2 bilhões de dólares, em 1960, para mais de 377 bilhões, em 1993. Na pauta de exportações, predominam os produtos eletroeletrônicos (televisores, videocassetes, aparelhos de som, fornos de microondas), acessórios para computadores e telecomunicações, tecidos sintéticos, roupas, plásticos e veículos.

Nestas duas últimas décadas, juntamente com o Japão e a China, os tigres formaram um importante pólo econômico no extremo oriente da Ásia.

A *Coréia do Sul* possui empresas conhecidas mundialmente, como a Samsung (computadores, eletroeletrônicos), a Hyundai e a Daewoo (automóveis). Vários setores industriais têm hoje destaque na economia coreana: construção naval, brinquedos, eletro-eletrônicos, computadores, relógios e outros.

Hong Kong, além de um setor de bens de consumo bastante diversificado, está entre os maiores centros financeiros internacionais e seu porto é o terceiro entreposto Comercial do mundo.

O desenvolvimento industrial de *Taiwan* e a forte penetração dos seus produtos no mercado externo fazem com que esta pequena ilha do Pacífico tenha uma das maiores reservas cambiais do mundo.

Cingapura, , exportou, por sua vez, 97 bilhões de dólares, em 1994, mais que o dobro das exportações brasileiras, que atingiram 44 bilhões de dólares no mesmo ano.

O crescimento econômico nesta região do Pacífico tem arrastado outros países: Tailândia, Malásia, Indonésia, Filipinas e Vietnã. Um aspecto importante do crescimento econômico desses países é o fato de os tigres asiáticos estarem entre os maiores investidores externos, aspecto que reforça o dinamismo econômico da região do pacífico.

A *China*, com 20% da população da Terra, caminha a passos largos para transformar seu mercado potencial num grande mercado de Consumo. Na década de 80, obteve as maiores taxas de crescimento econômico. É claro que essas taxas têm validade relativa, já que a base anterior da economia era muito baixa e o modelo de desenvolvimento industrial chinês ainda está baseado na utilização de mão-de-obra barata e no baixo índice tecnológico.

O desenvolvimento da economia chinesa irá encontrar pela frente uma série de obstáculos. De modo diverso ao que ocorreu no grupo dos quatro tigres, onde houve uma política governamental de investimento pesado em educação e em infra-estrutura básica, a China não tem caminhado nessa mesma direção. Os baixos salários constituem outra barreira à criação de um mercado interno forte. O principal problema do modelo chinês é o fato de a abertura econômica não ter sido acompanhada pela abertura política. Em 1993, o país introduziu o capitalismo na Constituição, especificando que a China tem uma *economia socialista de mercado*.

BRIC's

O êxito dos países em desenvolvimento, com foco especial em Brasil, Rússia, Índia e China, que convencionou-se chamar de “BRIC's”, passou a ser considerado, segundo estudos recentes, como primordial para a economia mundial, principalmente para União Européia (U.E.), que se quiser garantir a competitividade de sua produção, deverá zelar pelo crescimento econômico e pelo avanço das instituições nos emergentes, além de investir maciçamente em tecnologia e políticas sociais dentro de suas fronteiras.

A União Européia (U.E.) vem perdendo espaço para os Estados Unidos e Japão. Quanto mais os emergentes crescerem e aprimorarem suas instituições, maiores as possibilidades de se tornarem novos mercados para os europeus e de estabelecerem parcerias na produção com as chamadas companhias globais.

Por volta de 2040, segundo o estudo, Brasil e China, na condição de grandes potências econômicas, ainda padecerão de profundas desigualdades sociais. De um lado, uma enorme população que demandará produtos diferenciados e de qualidade. De outro, um mercado de trabalho que pagará salários ainda baixos, em relação ao dos países ricos. As perspectivas, portanto, só potencializam a pressão da competição dos emergentes.

AS POTÊNCIAS ECONÔMICAS DAS PRÓXIMAS DÉCADAS:

- As grandes economias não serão as mais ricas
- Em 2050, as BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China) podem ter um PIB superior ao dos países do G-6

- A China deverá ter um PIB maior do que aquele dos países mais ricos da Europa
- O PIB das BRICs deve ultrapassar o do G-6 por volta de 2040
- O padrão de vida nos EUA deve ser 2,5 vezes maior do que o da China e cinco vezes maior do que o da Índia em 2035. O padrão da China não atingirá a metade do alemão até 2040, assim como o do Brasil não chegará lá até 2045
- Por volta de 2040, principalmente Brasil e China contarão com uma população enorme com padrão de vida comparável ao dos países ricos e um mercado de trabalho de baixa remuneração, com empregos de nível tecnológico muito mais alto do que os salários pagos

3-BIBLIOGRAFIA

FERREIRA DA SILVA, José Cláudio – **Modelos de Análise Macroeconômica**: Um curso Completo De Macroeconomia – RiodeJaneiro, Campus, 1999

RIO DE JANEIRO. RJ. CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDUSTRIA
Disponível em: < <http://www.cni.org.br/produtos/diversos/src/rev48/europa.pdf> >.
Acesso em : 7 set. 2005.

RIO DE JANEIRO. RJ PORTAL STARMEDIA. Disponível em<
<http://orbita.starmedia.com/geoplanetbr/nics.html> > Acesso em: 7 set.2005.

Este Material foi criado por: Reinaldo S.R. Moraes e pode ser encontrado em:
<http://www.reinaldo.adm.br>

Entre em contato através de:
<http://www.reinaldo.adm.br/contatos.html>